



adereminho

associação para o
desenvolvimento regional
do minho

CADERNO DE ESPECIFICAÇÕES

PARA A

CERTIFICAÇÃO



Lenços de Namorados
do
Minho

LENÇOS DE NAMORADOS DO MINHO



adereminho****

associação para o
desenvolvimento regional
do minho

Ficha Técnica

Editor

Adere-Minho

Codificação:

CE.01

Local e Data de Edição

Soutelo,

18 de Abril de 2007 - 1.^a edição, actualizada



INDICE

Caderno de especificações para certificação dos Lenços de Namorados do Minho

Índice

1. Introdução	4
2. Nome ou denominação de venda do produto.....	4
3. Enquadramento histórico-geográfico da produção, considerando a respectiva origem e/ou vínculo ao centro difusor mais relevante	6
3.1. Uma história	6
3.2. Um nome	8
3.3. Uma função.....	8
4. Delimitação geográfica da área de produção	10
5. Identificação e caracterização das matérias-primas utilizadas.....	10
5.1. Tecidos	10
5.2. Linhas	11
5.3. Outros materiais	11
6. Características dos Lenços de Namorados do Minho.....	11
6.1.1. Dimensão e forma	11
6.1.2. Pontos do bordado	12
6.1.3 Remates.....	13
6.1.4. Motivos, padrões e cores.....	13
6.1.5. Textos.....	14
6.2. Categorias.....	14
7. Condições de inovação no produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto.....	16
8. Ficha Técnica	17
Bibliografia.....	17



1. Introdução

O Caderno de Especificações identifica e caracteriza a produção artesanal dos Lenços de Namorados do Minho.

O presente Caderno de Especificações constitui o documento normativo que suporta o processo de certificação dos Lenços de Namorados do Minho, revogando o regulamento entretanto utilizado pela Comissão Técnica de Certificação.

Com esse objectivo, o Caderno de Especificações fornecerá os seguintes elementos:

- Nome ou denominação de venda do produto;
- Enquadramento histórico-geográfico da produção, considerando a respectiva origem e justificando o seu vínculo à área de ocorrência.
- Delimitação geográfica, para efeitos de certificação, da área de produção;
- Identificação e caracterização das matérias-primas utilizadas;
- Identificação das principais características físicas do produto, tais como forma, dimensões, padrões, cores e desenhos predominantes;
- Condições de inovação no produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto.

2. Nome ou denominação de venda do produto

A ADERE-MINHO possui, desde o ano 2000, o registo de uma Marca Colectiva de Associação com o nº 335755 e com um sinal (logótipo) associado. É debaixo desta marca que se processa a certificação dos Lenços de Namorados do Minho, cujo sinal visível é uma etiqueta com holograma, onde se faz a identificação do artesão e do número de registo da peça certificada.



Este título de registo confere à ADERE-MINHO a prova do direito de propriedade desta marca.



No entanto, estudadas que foram as questões relativas à certificação de produções artesanais tradicionais, em sede do PPART (Programa para Promoção dos Ofícios e das Micro Empresas Artesanais) e INPI (Instituto Nacional da propriedade Industrial), achou-se por bem que o registo destas produções revestisse a forma de **Indicação Geográfica**, uma vez que pressupõem sempre (como é o caso dos Lenços dos Namorados do Minho) o vínculo a um determinado território, o qual confere a essas produções artesanais a especificidade e características que tornam possível a respectiva certificação.

Assim, e no sentido de corrigir a fórmula actualmente existente, desajustada ao caso específico da certificação e adequar este processo à legislação em preparação no âmbito da certificação de produções artesanais tradicionais, a ADERE-MINHO solicitou ao INPI a alteração do tipo de registo, passando o mesmo a revestir a forma de uma Indicação Geográfica.

Identificação que deverá ser colocado nas etiquetas da certificação:



3. Enquadramento histórico-geográfico da produção, considerando a respectiva origem e/ou vínculo ao centro difusor mais relevante

3.1. Uma história

A elucidação sobre a origem dos lenços e a identificação das peças mais antigas é uma questão que suscita grande interesse por parte das produtoras e dos apreciadores. Tem que se dizer que, a não ser que seja descoberto um inesperado manancial de documentos históricos, teremos que aceitar conviver com uma forma de expressão cuja certidão de nascimento ficará para sempre desconhecida. O problema vale, aliás, para todo o bordado, e, por várias razões, tal descoberta é altamente improvável: o bordado, muito especialmente nas suas vertentes populares, nunca foi uma actividade considerada digna de grandes atenções académicas. De qualquer maneira, tida por subalterna, esta produção nunca motivou a constituição de arquivos. Além disso, os materiais têxteis constituem um suporte muito frágil que só pode aguentar as agressões do tempo quando conservado em condições particulares. Tendo o interesse pela cultura popular e as tentativas de a registar sido inteiramente inexistentes antes do século XIX, percebe-se porque é que não se conhece nenhum lenço anterior, supondo que já existiriam em tempos mais antigos, o que nada permite afirmar.

A história conhecida e documentada dos lenços é muito curta. Como o refere José Cordeiro, (1997: 227) a existência dos lenços em várias regiões de Portugal e a intensidade da sua presença no Minho foram descobertas e trazidas à atenção dos intelectuais pelos etnógrafos do fim do século XIX. Não há qualquer informação fidedigna quanto ao momento ou às modalidades de aparecimento desta tradição. Que certos pormenores decorativos aparentem semelhanças com o bordado fidalgo ou religioso indica uma provável influência "de cima para baixo" mas, além de alguns motivos, ver nos lenços de namorados os descendentes em linha recta dos "lenços senhoris" é mera conjectura que não explica, por exemplo, a introdução das quadras populares.

O que é certo é que os lenços mais antigos que chegaram até nós são realizados a ponto de cruz com linha preta ou vermelha. Em finais do século XIX dá-se a substituição do pano de linho pelo de algodão, mais fácil de trabalhar. É só quase um século mais tarde que o linho volta a uma posição dominante, na sua forma industrial e já no contexto de uma revitalização voluntarista da produção que valoriza esta matéria-prima porque corresponde a uma produção agrícola local, embora o pano usado agora seja sobretudo importado. A evolução das cores, a partir do início século XX, tem uma óbvia causa económica: as linhas de bordar coloridas tornaram-se então muito mais acessíveis. Mas é mais complicado explicar porque é que se divulgaram mais em certos concelhos do que noutros.

Como se sabe, as profundas transformações sociais e culturais que se deram em Portugal nos anos 70 ajudaram a desestruturar as condições de reprodução e de transmissão da cultura rural. Foi quando menos lenços foram produzidos e provavelmente ainda menos usados, mesmo tendo a emigração sido, na altura, um factor que permitiu uma certa continuidade da prática. Relativamente a este período houve quem nunca tenha parado "de bordar lenços. Havia sempre pelo menos o rancho que precisava deles". De facto, o papel de preservação desempenhado por certos grupos folclóricos foi então muito importante. No entanto, sem qualificar esta clientela de "artificial" (as suas motivações são de uma sinceridade inquestionável), a sua preponderância já representava uma grande mudança, além de que constituía uma procura bastante limitada.



É verdade que nunca se parou totalmente de bordar lenços, mas tem que se salientar o papel revitalizador das iniciativas de recolha levadas a cabo no Concelho de Vila Verde nos anos 80. São, de facto, as actividades de D. Alice Pinheiro Marques e D. Maria da Conceição Teixeira Pinheiro, a partir das estruturas herdadas da Obra das Mães (para uma história mais detalhada, ver Cunha *in* Aliança Artesanal 2002), e da professora Maria do Carmo Reis, com a Associação Cultural, Recreativa e Musical de Aboim da Nóbrega, uma freguesia do mesmo concelho, que sem dúvida deram o impulso inicial não só para o registo e a preservação mas também para a revitalização dos lenços.

Outras iniciativas da mesma ordem e igualmente valiosas surgiram noutros concelhos - Ponte de Lima, Ponte da Barca, Terras de Bouro -, dando origem a várias estruturas associativas ou cooperativas: a Associação Pedras Brancas - Desenvolvimento, Turismo, Artesanato e Serviços fundada em Covide (Terras de Bouro) pela D. Maria Adelaide Freitas Soares, os Artesãos Reunidos do Vale do Lima (ARVAL) em Gandra, Ponte de Lima, com D. Maria Júlia Barreto Caldas. Noutras localidades ainda, Amares ou Celorico de Basto, o despertar foi mais tardio, por vezes ligado às iniciativas das estruturas do Ensino Recorrente, como em Amares com a professora Elvira Araújo, permitindo nos últimos anos encontrar algumas peças interessantes. É contudo possível pensar que, por si só, as recolhas dos anos 80 poderiam não ter alcançado o resultado que tiveram se, a partir dos anos 90, a Câmara Municipal de Vila Verde não tivesse decidido "pegar" nos lenços para fazer deles o emblema do concelho e se a Adere-Minho não tivesse lançado, com o apoio do Programa Operacional do Norte, acções de divulgação e de dignificação e nomeadamente, a partir de 1996, o complexo processo pioneiro (que só tinha sido precedido, em Portugal, pela certificação do bordado da Madeira) que culminou na implementação da certificação.

O envolvimento directo e voluntarista destas instituições tem obviamente sido essencial na promoção de peças que beneficiaram ainda de um terceiro factor, importante para a expansão da popularidade do bordado ao estilo agora geralmente identificado como sendo "de Vila Verde": as suas cores garridas, os seus motivos e a sua caligrafia infantis, o seu grafismo *naïf* foram propostos a um mercado alargado num momento em que são muito apreciados. Caso as recolhas de há vinte anos tivessem encontrado unicamente lenços a ponto de cruz mono ou bicromáticos, teria sido menos provável afirmar-se com a mesma dimensão o fenómeno que espoletaram. Embora sempre julgados fascinantes em razão da sua espantosa regularidade, da morosidade e da perícia envolvidas na sua produção, os lenços mais clássicos parecem já não despertar tanta atracção estética.

Do que se conhece da história dos lenços resulta que a sua origem é desconhecida, não existindo, até ao momento, qualquer documentação que possa comprovar a existência de qualquer filiação com algum produto semelhante numa outra região do mundo ou com uma qualquer tradição cultural europeia muito antiga, pelo que carece de confirmação a conhecida hipótese de uma possível influência dos "lenços de fidalgo" sobre os lenços populares.

Todavia, a partir da história que se conhece, deve-se, desde já, salientar a relativa rapidez da evolução estilística dos lenços e da sua adaptação a novas condições de produção, nomeadamente no que diz respeito à adopção de novos materiais, pontos de bordado e cores, após o seu surgimento e difusão. Esta reconhecida adaptabilidade constitui uma característica recorrente que, pelo potencial que introduz, deve ser sublinhada.



3.2. Um nome

Falou-se até aqui dos “lenços de namorados” mas, há que salientar o facto de que falar em “lenços de namorados” constitui já uma certa inovação. Pelo que se apurou no trabalho de campo, antigamente não se usava, necessariamente, essa designação. Não quer dizer que não se usasse de todo, mas, ao que parece, não tinha a dimensão emblemática, quase obrigatória, que tem agora. Muitas pessoas idosas, bordadeiras ou não, lembram-se de um tempo em que se falava simplesmente dos “lenços”, ou dos “lencinhos”. Os textos antigos usam as expressões “lenços de pedido”, “de conversados”, mais raramente “lenços de amor”, sem que seja realmente possível perceber se são da responsabilidade dos autores ou se eram usadas no dia a dia.

É necessário indicar que a expressão “lenços de namorados”, hoje consagrada, além de ser uma inovação, é numa certa medida abusiva: muitos lenços eram (e são) oferecidos num leque de situações afectivas muito mais variadas do que o simples “namoro”. A designação actual cristalizou-se sobretudo a partir das duas recolhas levadas a cabo nos anos 80 no Concelho de Vila Verde. Foram estas iniciativas que marcaram o início da revitalização dos lenços, alargada a uma variedade de novos usos (baptizados, comemorações de aniversários de casamento, etc.), em relação aos quais a expressão “lenços de amor” teria sido preferível, por ser menos específica e designar uma maior variedade de situações.

O nome hoje conhecido pode vir em parte do interesse com que é agora vivido e mediatizado o Dia dos Namorados, momento que a maior parte das unidades produtivas e diversas instituições aproveitam para realizar alguma promoção. O que quer que se pense desta situação, é um facto que a prática se encontra solidificada e que o nome “lenços de namorados” constitui já uma imagem de marca (no sentido lato da expressão), cuja substituição seria provavelmente ineficaz ou mesmo contraproducente.

3.3. Uma função

Dada a especificidade dos lenços de namorados, a sua certificação não deve limitar-se a um tratamento, meramente formalista, dos seus elementos definidores, os quais se encontram menos nas suas características físicas do que na sua função e, de forma decisiva, no seu significado. De facto, o que torna um pano bordado num lenço de namorados é a motivação que subjaz à sua execução (ou compra), o sentimento que justifica a sua oferta. Ora, a função e o significado dos lenços têm vindo a sofrer profundas mudanças, o que foi acompanhado por uma evolução estética e plástica. Alguns dos lenços podem, eventualmente, funcionar mais ou menos como acontecia no passado, enquanto agentes de mediação entre duas pessoas, mas, na sua imensa maioria, são produzidos agora com um objectivo meramente decorativo ou enquanto meios de manifestação de um interesse em relação a uma cultura regional ou de uma ligação ao universo rural.

Com a excepção de algumas localidades (como Viana), onde existe um esforço de reprodução deliberada e encenada de práticas festivas mais ou menos antigas, os lenços produzidos hoje nunca servirão, numa altura cerimonial, para adornar a cinta ou o ombro em que se apoia a vara do andor durante a procissão. O hábito de usar o lenço dobrado (por exemplo ao pescoço ou num bolso com uma ponta de fora) era um dos factores que fazia dos cantos da peça um espaço de decoração privilegiado e estruturando o conjunto do risco.

Os riscos contemporâneos, aplicados em peças destinadas, hoje em dia, a serem penduradas numa parede, abandonam pouco a pouco as composições triangulares, simétricas ou centradas, substituídas por uma prosaica organização espacial que os assemelha a um cartaz.



É a composição inteira, e não unicamente um dos cantos, que fica visível e legível em permanência. A sua leitura não é reservada a uma pessoa escolhida e a momentos especiais; deve, pelo contrário, ser tão facilitada quanto possível, o que leva à relativa rarefacção dos textos dispostos em espiral, outrora dominantes.

Uma outra mudança ligada à evolução da função dos lenços prende-se com a sua crescente serialização ou produção em série, para não dizer massificação. Continua, no entanto, vigente a opinião geral segundo a qual uma peça artesanal é de natureza tendencialmente única. É verdade que a cestaria e a olaria, entre outras actividades, funcionam segundo o modelo da produção em série. Mas o cunho individual é então dado pela relativa irregularidade inerente mesmo à mais exímia execução manual. Mas, no caso de um lenço, o problema é diferente: é uma peça cuja originalidade e individualidade remetem não só para as suas qualidades plásticas mas também, e, sobretudo, para o facto de ter sido concebida em função de uma pessoa muito especial, cujo nome (ou iniciais) se encontra inscrito nela.

Se considerarmos que as realidades antigas são as únicas que legitimam as práticas presentes, uma posição maximalista em relação aos princípios basilares da certificação consideraria que pouquíssimos lenços contemporâneos deveriam ser certificados. Até seria possível dizer que a mais perfeita réplica de uma peça antiga não mereceria ser distinguida com a qualidade de lenço de namorado caso nunca tivesse sido usada enquanto tal... O absurdo parece evidente: objectos que mudaram têm que ser avaliados consoante critérios adaptados à sua evolução. E os cerca de cento e cinquenta anos de história documentada dos lenços mostram, com toda a clareza, que nunca pararam de evoluir e de se adaptar a condições novas. Porquê considerar que o mais antigo tem sempre mais legitimidade? Obviamente porque as múltiplas incertezas do presente fazem do passado um reservatório de preciosas certezas que, na realidade, podemos seleccionar, manipular e modelar consoante as nossas necessidades.

Os lenços antigos são relíquias de uma certa concepção do namoro que há muito atingiu o prazo de validade. A sua forma correspondia a um conjunto de valores estéticos e morais que já não são os vigentes. E a sua função prática dependia de um conjunto de regras comportamentais entretanto desaparecidas: umas práticas vestimentárias e um namoro extremamente codificados e sobre os quais pesava um fortíssimo controlo social. Nada disto se verifica hoje de maneira remotamente comparável. A função de comunicação concretiza-se, pois, de uma outra maneira. Mais uma vez, reitera-se a convicção de que é pelo lado das funções, das práticas, mais do que das formas, que é possível estabelecer uma certificação que não choque com as tendências evolutivas dos lenços, que evite uma confrontação entre regras cristalizantes e comportamentos inovadores. Claro, e felizmente, que não se pode certificar práticas amorosas. Mas pode-se tentar fazer com que as peças produzidas hoje respeitem, tanto quanto possível, o espírito que norteou a concepção das peças que as antecederam. A única maneira de fazer com que tais lenços contemporâneos mereçam a qualidade "de namorados" é exigir que sejam concebidos com o intuito de preencher um papel de intermediários afectivos (no sentido mais lato possível) entre duas pessoas, sejam elas namorados, amigos, membros (eventualmente mais do que dois) de uma mesma família. Caso contrário, são meramente "lenços".

Este entendimento do que, realmente, significa um "lenço de namorados" resulta pleno de consequências, pois, de facto, a característica que, essencialmente, define um lenço de namorados reside na consideração da sua função de expressão e de comunicação de afectos interpessoais (de qualquer natureza e sem restrição ao namoro), pelo que não serão de certificar lenços que se afastam daquele registo afectivo.



Assim, há que tornar claro que a presença da palavra "Amor" ou de alguns símbolos evocativos deste sentimento (corações, chaves, etc.) ao lado, por exemplo, de um monumento ou brasão, de uma localidade, não chegam para atribuir a qualidade de "lenço de namorados" a uma peça que não mostra claramente, por meios explícitos, preencher a função de comunicação de afectos entre pessoas.

4. Delimitação geográfica da área de produção

Embora existam noutras regiões de Portugal e também noutros países europeus peças plasticamente próximas e com funções similares, é no Minho que os "lenços de namorados" têm hoje em dia uma particular vitalidade: a força da sua presença antiga tem motivado iniciativas de relançamento cujo sucesso aparece como a manifestação contemporânea de uma antiga realidade cultural local. A presença dos lenços não é contudo uniforme em toda a região: a sua produção apresenta uma expressividade mais marcada em certos concelhos. Além disso, existe uma continuidade plástica e funcional entre alguns tipos de lenços do Minho e de outras regiões, não necessariamente vizinhas. No entanto, a particular pujança dos lenços no Minho é uma justificação suficiente para considerar que constituem uma realidade específica que justifica a denominação. Neste entendimento, podem ser certificados lenços bordados por uma pessoa, qualquer que seja a sua origem, residente nos distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto, bem como nos concelhos de Montalegre, Boticas, Ribeira de Pena e Mondim de Basto do distrito de Vila Real.

5. Identificação e caracterização das matérias-primas utilizadas

5.1. Tecidos

Há quem defenda que na produção de bordados verdadeiramente "genuínos", só se deveria usar pano de linho caseiro. É esquecer que, desde há muito, os tecidos industriais, de linho e de algodão (os "lenços de tropa" eram mesmo lenços industrialmente produzidos) foram adoptados como suportes preferenciais e que a decisão de aceitar o "linho industrial" não faz mais do que seguir uma evolução desenhada no passado por bordadeiras motivadas, não só pelas mesmas óbvias considerações económicas que continuam válidas hoje, mas também por constrangimentos técnicos. Com efeito, o linho industrial é mais fino e, mais regular, muito mais fácil de trabalhar. É com ele e com o algodão que é possível alcançar a tão apreciada perfeição de um ponto de cruz "tão perfeito e tão miúdo que, a distância, nos dá a impressão de um estampado de maquinaria moderna" (Mota Leite 1963: 9).

Assim, em termos de certificação, considera-se admissível a utilização de tecidos, em tafetá, de linho, caseiro ou industrial e de algodão. Pode aceitar-se a possibilidade de tecidos serem urdidos a algodão e tapados a linho, o chamado meio linho. Se a composição do tecido importa, também importa o respeito por uma textura adequada à finalidade original de um lenço, pelo que são de rejeitar tecidos, mesmo que de linho, cuja textura seja grosseira.

Quanto às cores do suporte têxtil elas compreendem toda a paleta do branco ao cru, correspondente às tonalidades das fibras naturais.



5.2. Linhas

Um bordado significa a concretização de um desenho num suporte, para o que se utiliza linha enfiada numa agulha.

No bordado dos lenços de namorados podem utilizar-se linhas de algodão de diversas espessuras. Apesar de só se aceitarem tecidos com textura apropriada a lenços, existem, apesar de tudo, várias categorias de finura, que as linhas de bordar devem acompanhar.

Neste entendimento, relativamente às marcas Âncora e DMC, tradicionalmente usadas pelas bordadeiras dos lenços, podem usar-se as meadas de 1 fio, nº 25, as meadas de 6 fios nº 20 ou 25 (bordar com 2 fios). Também se aceita o perlé de 1 fio, nº 12.

Para as rendas de farpa (crochet) as linhas mais usadas são os números 20 e 30 das mesmas marcas Âncora e DMC. Chama-se a atenção para o facto de a referência às marcas Âncora e DMC ter apenas carácter exemplificativo, podendo ser substituídas por outras desde que respeitadas as necessárias equivalências ao nível de fios e meadas a utilizar.

Não há qualquer limitação ao uso das cores. Em termos de certificação, fica interdito o uso de linha matizada, do que se exceptuam os bordados monocromáticos, ou seja, quando se está a bordar um lenço numa mesma cor, pode-se bordar com linha matizada.

5.3. Outros materiais

Desde sempre que alguns lenços aparecem bordados com a aposição de materiais que não fios têxteis como é o caso das lantejoulas, das missangas ou até de vidrilhos. Estes materiais podem continuar a usar-se, desde que empregues nas proporções reduzidas do passado.

Também as rendas e entremeios, quer feitos com agulha de farpa - "crochet" - quer com bilros, foram utilizados para ornamentar os lenços o que pode continuar a acontecer. Julga-se, no entanto, prudente, aconselhar o seu uso e expressão até um máximo de 20%, quer isto dizer, que medindo um lado de um lenço, a dimensão ali ocupada pela renda ou soma de renda e entremeio, não poderá ultrapassar 1/5 do total: num lenço de 50 cm de lado, a soma das partes correspondentes a rendas não poderá exceder os 10 cm.

Estas rendas e entremeios, assim como os picots deverão ser sempre manuais, à excepção das situações de réplica, para os casos em que os originais ostentem rendas de confecção industrial.

6. Características dos Lenços de Namorados do Minho

6.1.1. Dimensão e forma

A investigação mostrou que existem alguns lenços antigos com dimensões superiores (até 80 cm e, num caso, à volta de 100) e inferiores (até mais ou menos 30 cm) às medidas actualmente aceites. Trata-se de um assunto em que será sempre inevitável uma decisão arbitrária (porquê 35 cm e não 40, 80 e não 90, etc.). Em vez de uma medida absoluta, seria desejável propor a introdução da noção de funcionalidade da peça enquanto lenço.

Mas a subjectividade que daí poderia advir aconselha, para efeitos de certificação, a adopção de medidas situadas entre um mínimo de 35 centímetros e um máximo de 75 centímetros. Estes valores, correspondem à medida de um dos lados dos lenços, sabendo-se que estes são tendencialmente, quadrados, pois mesmo quando se pretende um quadrado perfeito nem sempre tal acontece por distorção do tecido.



6.1.2. Pontos do bordado

Nos lenços estudados detectaram-se os seguintes pontos de bordado:

ponto pé de flor
rolinho
espinha de peixe
pé de galo
ponto sombra (feito pelo avesso)
ponto lançado
ponto cheio
ponto de recorte (urdido e por urdir)
caseado alto ou ponto de festão
trinca frio
ponto de cadeia
ponto de margarida
nózinho
canutilho
ponto atrás
ponto de areia
ponto de formiga
ilhós
ponto cortado, quer rematado a rolinho quer a caseado
ponto de fantasia
ponto cruz
crivos
bainhas abertas

A designação **ponto de fantasia** corresponde à execução de diversos outros pontos, mas que se associam para criar fundos de decoração heterogénea.

O **ponto de cruz** deve ser utilizado sempre em dominância, podendo aceitar-se, num lenço a ponto de cruz, pequenos apontamentos noutros pontos, nomeadamente pela utilização do ponto cheio. A inversa não é aceitável em contexto de certificação, ou seja, são de reprovar pequenos apontamentos de ponto cruz no conjunto do bordado, a não ser quando é utilizado como uma simulação de rede.

Há pontos que exigem a remoção de fios do tecido, como é o caso dos **crivos** e das **bainhas abertas**. Os crivos têm, nos lenços, reduzida expressão e, como acontece em muito do bordado de natureza popular, aparecem, muitas vezes, substituídos por simulações - onde não se verifica a remoção de fios, assim se definindo as "**redes**". Estas correspondem a vários pontos, desde o ponto de cruz, ao ponto de formiga ou mesmo a fios soltos, presos nas pontas, que se entrelaçam como nos cestos.

Na confecção de bainhas abertas podem-se utilizar linhas de uma ou de várias cores mas, em qualquer dos casos, das mesmas cores presentes no restante bordado. Também a expressão da largura das bainhas abertas não deverá exceder 10% da largura do lenço. Esta relação será calculada conforme acima foi explicitado para o caso das rendas.

O número dos pontos de bordar que se encontram, mais frequentemente, associados ao bordado dos lenços é, como se percebe, pela lista apresentada, relativamente reduzido e remete sempre para pontos de pouca complexidade. Por tal razão a **introdução de novos pontos - que não se defende, mas que, também, não se proíbe** - deve ser feita no respeito pelas características básicas de um lenço, ou seja não deve provocar relevo ou asperezas despropositadas.



Como exemplo, tome-se o ponto de coral ou o ponto de grilhão, pontos que nunca aparecem nos lenços antigos. Dadas as suas características, em que avulta uma forte presença de "nós", eles só podem ser aceites desde que feitos com linha mais fina do que aquela utilizada no restante bordado, de modo a que a sua natural "rugosidade" não se torne um defeito, mas um feitiço, anulando-se, pela menor grossura da linha, o desequilíbrio que cada um deles, falseando a leitura do conjunto, iria introduzir.

O **bordado à máquina** só é aceitável no caso da manufactura de réplicas exactas, ou seja quando o original o ostenta.

6.1.3 Remates

O remate dos lenços pode apresentar-se de diversos modos.

Quando não há bainha, isto é, quando o tecido do lenço não se apresenta dobrado nas extremidades, o remate pode ser bordado com ponto de recorte, ou feito com picot ou pela aposição de uma renda. As rendas também se podem encontrar numa bainha com dobra.

Quando existe bainha esta pode ser rematada apoiada numa bainha aberta ou num "ajour" o qual corresponde à bainha aberta de mais simples execução.

Muitas bainhas de dobra podem ser rematadas com trinca fio, como é muito característico do bordado de Viana do Castelo, constituindo outras possibilidades o remate a ponto de galo ou espinha de peixe ou ponto de formiga.

Na confecção de bainhas, não se interdita o uso de máquina de coser - como reforço de outro tipo de remate - mas não é admissível que a bainha se limite a essa costura mecânica.

6.1.4. Motivos, padrões e cores

Quais são os motivos e os padrões que fazem que um lenço seja "de namorados"? Perante a heterogeneidade estética, patente tanto na variedade das estruturas das composições como dos pormenores decorativos das peças, a resposta parece incerta. Salientar por exemplo a assimetria das peças "populares", como é habitual fazer, é esquecer a tendência simétrica, nalguns casos de precisão espantosa, de inúmeras outras. Também optar por uma abordagem formalista com a preocupação de recensar todos os elementos estruturantes e decorativos que é possível encontrar nos lenços considerados tradicionais, e fazer deles o repertório admitido parece, claramente, redutor, limitando de forma arbitrária a possibilidade de se continuar a utilizar o vocabulário decorativo presente nos lenços e amplamente divulgado em várias publicações. Assim, valorizar as práticas reais observáveis no presente e tentar perceber como é que, à volta delas e dos significados que produzem, se organiza a vida social dos lenços resulta, não só mais fecundo, como respeita mais profundamente o que, desde a origem valorizou a manufactura dos lenços. Noutras palavras, considerar que não são os motivos e os padrões que fazem um lenço, mas sim a significação do que dizem, o modo como traduzem uma mensagem.

Se o essencial do conteúdo está no discurso em vez de estar no significante, a rigidez de um levantamento de motivos normativos não tem razão de ser. E, na medida em que não se afasta da temática do amor, nem nos motivos nem nas quadras, a inovação formal passa a não ser contraditória em relação à certificação.

Relativamente às cores não existe nenhuma contra-indicação quanto ao uso de qualquer uma em particular, desde que a cor não varie ao longo da mesma linha. Significa isto que não se reconhece a possibilidade de usar cores matizadas a não ser quando o trabalho se apresenta monocromático.



6.1.5. Textos

Os lenços têm, como uma das suas principais características, apresentarem, quase sempre, quadras bordadas, traduzindo sentimentos amorosos de índole variada: mais ou menos esperançados, mais ou menos desiludidos, mais ou menos ciumentos... quase sempre quadras do Cancioneiro Popular.

Todavia, já existem lenços bordados, a pedido de clientes, com versos de poetas portugueses consagrados, como Bocage, Pedro Homem de Melo ou Eugénio de Andrade e, se há um domínio onde se pode permitir, e até encorajar, a maior liberdade inovadora nos lenços será aquele que diz respeito à sua dimensão literária: além de se tratar de uma intervenção que afecta muito menos do que outras a estruturação plástica das peças, ao permitir uma maior latitude na escolha de referentes poéticos vai, muito provavelmente, ao encontro de um alargado leque de sensibilidades.

Os erros ortográficos que, muitas vezes, se encontram nos textos dos lenços antigos explicam-se pelas características da pronúncia minhota transcrita foneticamente por quem tinha um domínio imperfeito da escrita da língua portuguesa. Nalguns casos as bordadeiras eram mesmo iletradas e copiavam os textos como qualquer outro *risco*, com todas as possibilidades de desvio relativamente ao modelo.

Se os "erros" dos lenços antigos podem ser explicados pelas variações sociolinguísticas, agora nem sempre é assim: uma bordadeira letrada poderá introduzir erros por ela inventados, que não encontram nenhuma explicação nos parâmetros de uma pronúncia local e que, ao contrário do que era o caso antigamente, procuram agora preencher uma função: indicar a um cliente urbano, letrado ele também, que está supostamente perante um produto "genuíno" ou popular.

Em contexto de certificação, admite-se a reprodução dos erros ortográficos presentes nos modelos antigos mas não se aceita, nem por qualquer outro modo se legitima, a invenção de erros inexistentes na pronúncia local.

Bordar com sotaque, por assim dizer, e mesmo com um sotaque inventado, continua, no entanto, a ser coerente com os significados contemporâneos dos lenços. Pode-se escrever "inobação", porque é um "erro" codificado e controlado que, conotando algo que é partilhado por todos, passou na realidade a obedecer a uma nova norma válida dentro do campo de referência "lenços". No passado, as bordadeiras não se coíbiavam de abreviar, por vezes muito. Talvez seja porque o seu ritmo os coloca à parte da trepidação da nossa vida que os lenços ainda não acolheram a linguagem cosmopolita e a grafia abreviada usadas nas mensagens por telemóvel, apesar de se tratar de uma forma da língua portuguesa pelo menos tão viva como qualquer outra e por via da qual, ainda por cima, são comunicados agora quase todos os segredos amorosos.

6.2. Categorias

Na certificação dos Lenços de Namorados do Minho distinguem-se três diversas categorias de peças, a que correspondem diferentes situações:

Lenços Clássicos - a primeira categoria diz respeito às **réplicas ou cópias**, peças que devem ser feitas no escrupuloso e total respeito pelas características dos **lenços originais**: dimensão, natureza e cor dos materiais, risco, pontos e demais características, eventualmente, presentes - rendas, picots, bainhas abertas, lantejoulas, etc. Ressalva-se a possibilidade destas réplicas poderem ser feitas em tecidos de produção industrial conquanto alguns dos originais se poderem apresentar feitos em linho caseiro.



A definição do que significa um **"lenço original"** exige que, com clareza, se indique um limite temporal para a consideração de peças históricas, ditas originais. Por outras palavras, só serão consideradas peças originais "tradicionais" aquelas que forem anteriores a **1960**, data que marca o arranque de uma década de profundas transformações nas comunidades rurais onde, de forma mais consistente e continuada, se verificou a manufactura de lenços.

Existe um alargado consenso sobre as insuficiências detectáveis no regulamento que esteve em vigor, até há pouco tempo. Manifestamente omissivo, esse regulamento permitiu que fossem certificados lenços que não o deveriam ter sido, pois não cumprem o estipulado no presente Caderno de Especificações. Decorre deste facto que, independentemente de um lenço ter sido reconhecido e aceite, em sede de certificação, tal não lhe confere qualquer valor como "lenço original", não se confundindo a circunstância da sua certificação com o seu possível valor de modelo a admitir réplicas certificáveis. Um lenço pode ter sido certificado e, com as novas regras do presente Caderno de Especificações a sua perfeita réplica não poder ser certificada.

Lenços de criação clássica - nesta **segunda categoria** encontram-se os **lenços que utilizam o vocabulário decorativo disponível** e amplamente divulgado nas publicações "Os lenços de namorados. Frontes e versos de um produto artesanal no tempo da sua certificação. DURAND, Jean-Yves (org.)" e "Lenços de Namorados. Escritas de Amor. Aliança Artesanal (org)".

Para o caso das **interpretações do vocabulário existente**, não se trataria de aceitar unicamente réplicas tendencialmente idênticas: padrões incluindo alguns motivos novos, oriundos da vida quotidiana, os quais seriam aceitáveis neste quadro. Tal como acontece no funcionamento presente da certificação, a adaptação limitada do risco, a substituição de pontos por outros, os arranjos cromáticos diversos seriam admitidos nas reproduções de padrões conhecidos, o importante sendo o respeito do "espírito" delineado pelas peças antigas que conhecemos, a começar pelo uso de um pano de cor natural ou branco, uma característica que nenhum lenço minhoto antigo parece alguma vez ter desrespeitado.

Lenços de criação contemporânea - uma **terceira categoria** diz respeito a lenços que respondem formalmente a **criações contemporâneas**, inspiradas embora na temática dos lenços, mas utilizando-a com grande liberdade, nos termos do que é aceitável no quadro do presente caderno de especificações. Para além dos mesmos apertados critérios de qualidade material e técnica, a terceira categoria corresponderá a lenços formalmente inovadores, nos motivos e nos textos. A continuidade com a produção tradicional far-se-á pela referência obrigatória à temática da afectividade.

A certificação reconhecerá de forma clara e explícita as **três categorias de "Lenços de namorados do Minho"**: os que são **réplicas** exactas de peças antigas, aqueles que resultam de **interpretações** que se inspiram directamente nelas e as **criações** mais inovadoras e contemporâneas. A documentação a acompanhar as peças certificadas, deverá informar, claramente, qual a categoria em causa.

A consideração das três diferentes categorias parece ser uma maneira de enquadrar e controlar a qualidade da produção inspirada nos antigos lenços de namorados, um objectivo que agrada a quem sente apego às vertentes mais tradicionais e preza a sua continuação. Ao mesmo tempo, seria uma tentativa de afastar o perigo de esterilização da criação, indissociável da atitude tradicionalista. Permitiria estimular a criatividade e dar às vontades inovadoras algumas pistas, facultando-lhes a possibilidade de se manifestar sem, no entanto, desvirtuar o espírito de uma tradição: o que faria das novas peças genuínos "lenços de amor" seria a sua obrigatória inspiração na temática da afectividade entre as pessoas, considerada em todas as suas vertentes.



7. Condições de inovação no produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garantam a preservação da identidade do produto

Um processo de certificação tem benefícios finais indubitáveis no contexto económico actual, em que os produtos artesanais não podem competir com produções beneficiando de baixos custos e condições laborais condenáveis mas, neste momento, prevalentes em muitas partes do mundo. Reitera-se aqui a convicção de que a certificação dos lenços tal como desenvolvida até agora seguiu o único caminho possível, respondendo com eficácia a uma situação de verdadeira urgência. E o interesse que a iniciativa suscitou entre as bordadeiras é a melhor prova disso mesmo. Mas uma certificação só pode instituir-se por referência à realidade passada do produto visado, realidade essa que usa para definir normas a respeitar no futuro. Implica por natureza proceder a decisões e escolhas sempre mais ou menos simplificadoras, definindo regras que podem ser, numa certa medida, contraditórias com as condições habituais, "tradicionais", de produção dos artefactos e implica, assim, o risco de provocar a involução dessa mesma produção, pelo bloqueamento da criatividade que sustenta a sua durabilidade. É este, muito especialmente, o caso dos lenços, objectos complexos e múltiplos, não só do ponto de vista formal, mas também, e sobretudo, no que diz respeito à sua fluida vida social. Como conciliar, pois, esta realidade com os constrangimentos próprios a uma certificação?

Uma solução para resolver esta aparente contradição pode passar pela adopção de uma atitude certificadora que esteja menos focada no respeito de modelos concretos estritamente definidos e mais atenta aos princípios gerais que têm orientado a produção no passado. Pensa-se ser esta uma maneira de fazer com que a evolução progressiva ou mesmo a inovação passem a ser aspectos essenciais do processo, tal como têm sido na existência dos lenços até agora, em vez de constituir problemas que é preciso resolver pontualmente com a procura de ocorrências no passado. E esta proposta de adaptação dinâmica constituirá uma maneira de consolidar a posição pioneira ocupada pela certificação dos lenços, especialmente num contexto em que a impressionante multiplicação das iniciativas de semelhante cariz (não só em Portugal e não só no domínio do artesanato) acarreta um perigo de banalização da própria noção de certificação, mesmo quando aplicada a realidades que a justificam realmente. Evidentemente que, neste quadro, o maior perigo, em absoluto simétrico ao da fossilização, é o de considerar que vale tudo, o que constituiria, obviamente, uma negação do próprio conceito de certificação.

Como já se teve ocasião de justificar, em contexto de certificação de Lenços de Namorados do Minho", o lenço a certificar tem que transmitir uma mensagem claramente alusiva, textual ou graficamente, a uma relação de afectividade interpessoal, constituindo a presença dos elementos que a traduzem, o critério essencial para a atribuição da certificação. Como já foi referido, estes elementos encontram-se publicados em obras recentes como: "Os lenços de namorados. Frentes e versos de um produto artesanal no tempo da sua certificação. DURAND, Jean-Yves (org.)" e "Lenços de Namorados. Escritas de Amor. Aliança Artesanal (org)".

Finalmente, uma última advertência: alguns riscos elaborados recentemente afastam-se do registo do amor e de outras relações interpessoais: falam de uma localidade, da região, ou de um evento marcante; recorrem a um emblema local (o galo em Barcelos, Santa Luzia em Viana, a Torre dos Clérigos no Porto, Inês Negra em Melgaço, a ponte medieval e a igreja vizinha em Ponte de Lima, etc.). Na melhor das hipóteses, o amor encontra-se nalguns casos (como o Lenço da Porto 2001) evocado de maneira tangente: o amor a uma cidade... Em geral, o risco integra elementos simbólicos soltos: corações, passarinhos, etc. Mas o facto é que o conjunto da peça não remete para a manifestação de afectos interpessoais, logo não deve ser certificado.



8. Ficha Técnica

Este caderno de especificações foi elaborado a pedido da Comissão de Acompanhamento para a Certificação dos Lenços de namorados do Minho, com intuito de esclarecer artesãos e consumidores em geral, acerca dos vários itens aqui descritos, pela inexistência de um documento de suporte à certificação dos Lenços de Namorados, a não ser o Regulamento interno de funcionamento da certificação elaborado pela Adere-Minho.

Assim, partindo de um texto da autoria do antropólogo Jean Yves Durand, foi construído o presente Caderno de Especificações, pelo que queremos desde já agradecer a disponibilidade e apoio prestado no presente documento.

Gostaríamos ainda de referir que este documento só foi possível graças à conjugação de esforços das pessoas e das entidades envolvidas neste processo pioneiro de certificação nomeadamente do produto - Lenços de Namorados do Minho -, pelo que gostaríamos de deixar aqui os nossos sinceros agradecimentos :

PPART - Dr. Fernando Gaspar e especialmente pelo trabalho desenvolvido neste documento à Dra. Ana Pires.

CRAT - Dra. Graça Ramos pela forma incansável como tratou deste processo.

A todas as artesãs de uma maneira ou de outra nos ajudaram, com o seu saber e a sua experiência na arte de bordar.

Bibliografia

Câmara Municipal de Vila Verde: 2006 - "Os lenços de namorados" - Frentes e versos de um produto artesanal no tempo da sua certificação, Jean Yves Durant

Jean-Yves Durand - "Os lenços de namorados do Minho - Identificação, certificação: considerações finais e perspectivas.

(Edição Câmara Municipal de Vila Verde em parceria com Adere-Minho, projecto ON medida 1.4. "Lenços de Namorados")